



Memórias Póstumas de
Alis d'Ambel



Memórias Póstumas de Alis d'Ambel

Transmitidas por via mediúnica

Distribuição gratuita
1ª Edição, abril de 2022

Para fazer citações:

D'AMBEL, A. (Espírito). *Memórias Póstumas de Alis d'Ambel*.
Transmitidas por via mediúnica. IPEAK, 2022.

Instituto de Pesquisas Espíritas Allan Kardec

Site: www.ipeak.com.br

E-mail: contato@ipeak.net

Revista Espírita

Periódico de Divulgação do Espiritismo Prático

Site: www.revistaespirita.net

E-mail: contato@revistaespirita.net

Se houver, por parte de alguma editora, o interesse em publicar uma edição impressa, que entre em contato conosco pelos e-mails acima.

Sumário

I - Introdução.....	2
II - Escolhas das provas.....	8
III - Meu encontro com Allan Kardec.....	17
IV - Fase áurea.....	26
V - Fascinação.....	35
VI - Suicídio.....	47
VII - Minha passagem.....	55
VIII - Ensino.....	61
IX - Informações biográficas sobre o Sr. d'Ambel.....	67

I

Introdução

“Tendo meu Espírito sido atraído para este grupo, pela natureza dos seus trabalhos, desde alguns anos, tenho participado de suas atividades como um assíduo membro invisível. Assim, durante a emancipação, tu mesmo (referindo-se ao médium), solicitando a Deus uma oportunidade de serviço, me procuraste, convidando-me para contar um pouco da minha história, servindo-me da tua mediunidade. Dessa forma, prometi refletir sobre sua proposta e consultar a opinião dos nossos Guias a esse respeito.

“Depois de muito pensar, solicitei ao mestre Allan Kardec a autorização para este trabalho, e ele não somente o aprovou sem reservas, como pediu que eu narrasse, com sinceridade, os acontecimentos mais relevantes da minha atuação a serviço da Doutrina Espírita. Pediu-me que não descrevesse apenas meus equívocos, mas também destacasse os acertos e as alegrias que pude viver, ainda que mescladas em meio a tantas aflições. Digo que foi graças aos esforços de Allan Kardec, de

Erasto e de tantos outros que me auxiliaram, que não cometi em minha vida terrena um número de erros ainda maior do que os que registrarei nessas páginas.

“Creio que compartilhar as minhas experiências pode ser de alguma utilidade, ainda que não tenha grandes feitos a registrar, pois talvez elas possam contribuir de alguma maneira com aqueles que, como eu, lutam diariamente contra suas próprias imperfeições. Esforçar-me-ei para ampliar as tuas possibilidades mediúnicas quanto for possível, mostrando-te nos teus sonhos diversos quadros referentes aos acontecimentos de minha vida, e me esforçarei para que meus escritos sejam consistentes com os fatos, embora reconheça as limitações inerentes à prática mediúnica. Recomendo-te que submetas todas as comunicações recebidas à análise de pessoas sérias e isentas de prevenções, e dispostas a buscar a verdade.

“Se com este modesto trabalho eu puder fazer com que apenas um médium seja alertado para os perigos da fascinação, já ficarei muito feliz, especialmente se for um daqueles que voltaram ao mundo terreno, desejando servir à causa do Espiritismo.

“Em prece sentida ao Criador, agradeço, bastante comovido, pela oportunidade que me foi dada, e recomendo-te que te somes a mim para orar por este empreendimento, a fim de que ele dê os melhores frutos, a ti mesmo, em primeiro lugar, e também aos nossos irmãos deste século que quiserem, de uma forma ou de outra, instruírem-se com ele.”

Alis d'Ambel

Tendo o médium consultado o seu guia espiritual, a fim de compreender melhor a finalidade do trabalho e obter diretrizes seguras, recebeu dele as seguintes orientações:

“A respeito do trabalho conjunto com o Espírito de Alis d'Ambel, digo-te que ele deverá concentrar-se em destacar três aspectos da vida de seu autor espiritual, a saber: a escolha das suas provas, o desvio do caminho escolhido e as suas infelizes consequências, seja na Terra, seja na erraticidade. Não recomendamos o ditado de um livro extenso, com detalhes tão circunstanciados sobre outros aspectos de sua vida, que tornariam a leitura enfadonha, fazendo com que esta obra fosse muito pouco lida.

“Seguindo o caminho que apontamos, o trabalho poderá despertar o interesse do leitor, não só pela sua brevidade, mas pela utilidade que possa ter para os que se interessam pelo Espiritismo Experimental. Não se trata de uma autobiografia, mas de um verdadeiro exame que ele fez da própria vida, com o objetivo de dar ferramentas para que os seus leitores não precisem contar, no futuro, histórias tão tristes quanto a dele.

“Recomendo a ti um profundo recolhimento, sem ansiedade nem expectativa, evitando conjecturar ou imaginar sobre a vida de d'Ambel, pois tua tendência a ir depressa demais poderia, como já ocorreu noutras vezes, preencher com tua imaginação ou tuas ideias preconcebidas as ideias ditadas pelo Espírito. Deves ser um espectador da narrativa, pois já tiveste provas de que consegues ser um bom intérprete do pensamento dos Espíritos quando serves com abnegação. Mais de uma prova de identidade do Espírito comunicante irás obter nesse trabalho, desde que te conserves na via que te indicamos.

“Este opúsculo será especialmente útil aos leitores, que poderão ter às suas vistas um exemplo vivo de desvio das faculdades medianímicas, encontrando nos relatos feitos pelo autor os meios de prevenir este grave inconveniente, ilustrando o

que teoricamente foi tão cuidadosamente escrito por Allan Kardec em O Livro dos Médiuns.”

Teu Guia

Nota do médium: Tive que realizar um esforço para psicografar essas páginas com isenção, contando com ajuda dos bons Espíritos, de outros médiuns e de amigos experientes na prática da ciência espírita, que tudo analisaram com rigor doutrinário e, na medida do possível, também histórico. Por fim, tendo consultado os Guias por outro médium, em uma sessão particular, a fim de aferir a autenticidade das informações que recebi, tive notícias de que eu mesmo havia solicitado essa oportunidade de serviço, quando emancipado pelo sono. Essa informação é consistente com meu estado atual, pois tenho solicitado a Deus por uma oportunidade de serviço mediúnico inteiramente anônima. Para tanto, baseei-me no que ensinou Allan Kardec, na nota à introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo:

"Quanto aos médiuns, abstivemo-nos de nomeá-los. Na maioria dos casos, não os designamos a pedido deles próprios e, assim sendo, não convinha fazer exceções. Ao demais, os nomes dos médiuns nenhum valor teriam acrescentado à obra dos Espíritos. Mencioná-los mais não fora, então, do que satisfazer ao amor-próprio, coisa a que os médiuns verdadeiramente sérios nenhuma importância ligam. Compreendem eles que, por ser meramente passivo

o papel que lhes toca, o valor das comunicações em nada lhes exalça o mérito pessoal; e que seria pueril envaidecerem-se de um trabalho de inteligência ao qual é apenas mecânico o concurso que prestam."¹

¹ Allan Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, Objetivo desta obra, Nota.

II

Escolhas das provas

Pairava eu no espaço aguardando uma nova oportunidade de habitar um corpo na Terra. Deus concedeu-me a prova que eu aguardava com grande expectativa, e que será objeto das minhas reflexões neste modesto trabalho. Era fevereiro de 1816 quando souo ao meu Espírito um alerta de que um casal católico, residente na região sudeste da França, na comuna de Grenoble, uma área plana cercada de gélidas montanhas, estava para gerar um filho. Eles proporcionariam a essa criança uma educação católica, mas igualmente uma formação intelectual que me agradava, e que deveria ser o fundamento de toda a minha vida.

Entre os Espíritos, havia certa comoção sobre o anúncio de uma nova e importante Doutrina, que reuniria todas as revelações divinas e o trabalho do gênero humano, de todos os séculos, de todos os cantos da Terra, num único feixe, possibilitando que todas as verdades fossem reunidas, para libertar os homens das aflições que tanto os infelicitavam.

Não sabíamos ao certo como e quando isso se daria, mas de todos os lados soavam comoções intuitivas que nos faziam entrever a aurora desses tempos novos, e muitos Espíritos solicitavam, por prova ou expiação, desempenhar algum tipo de serviço nessa nova doutrina, que deveria reunir Espíritos e homens num elo de fraternidade inquebrantável.

A promessa desse futuro tão vivaz, tão reparador, aparecia para mim como um horizonte pleno de esperanças. Eu, que já houvera sido religioso noutras existências, servindo de intérprete às inteligências ocultas que gostavam de dominar e submeter os homens, apreciava muito, ou melhor, aspirava profundamente pela oportunidade de servir, como expiação do passado e uma prova para o futuro, a um novo empreendimento dessa importância, que era o principal assunto entre os Espíritos errantes com os quais eu tinha importantes vínculos.

Ainda que não tivéssemos clareza de como tudo iria acontecer, sentíamos que havia um grande chamado que se multiplicava, anunciando vagas para os trabalhos que deveriam ser feitos, em prol da nova ciência, na Terra ou no mundo dos Espíritos. Orei a Deus pedindo que aquele corpo que se formaria pelo casal de Grenoble pudesse ser

minha próxima habitação terrena, e que eu pudesse tomar parte nesse trabalho todo espiritual que iria ser realizado sobre a Terra, a fim de corrigir meu passado e abrir as portas de um futuro mais feliz. Eu lembro que assim me dirigi a Deus:

“Pai todo-poderoso,
Dá à minha alma dolorida o pão e o socorro!
Estende-me a tua mão poderosa,
A fim de que eu me livre do caminho do erro,
Dai-me trabalho, paz e sossego,
Dá-me o abrigo no teu seio generoso,
Onde toda a dor encontra alívio,
Onde toda cansaço encontra repouso!
Eu te peço perdão, Senhor Deus.
Prostro-me de joelhos aos teus pés,
Em busca da tua mão poderosa,
Para implorar nova oportunidade
Em um novo corpo, em um novo dia...
Sei que há muitos, Senhor,
Que querem retornar à Terra,
Nesse momento em que se preparam
Oportunidades dadas pelo teu amor!
Mas sou o filho pródigo, e imploro abrigo
Dai-me, meu Deus,
Um novo coração a bater em meu peito,
Um cérebro para pensar e um serviço para amar!

Dai-me também, meu Deus,
Um guia para todas as horas,
Uma mão segura que
Não me deixe novamente cair!
Meu Deus! Dobro-me diante da tua vontade,
Tão doce, tão misericordiosa, tão amorosa,
Que tão perfeitamente completa a tua justiça!
Eis o que te peço, Senhor, indigno que sou,
Ainda que eu não o mereça!”

Sentia-me tocado, profundamente tocado, e uma presença há muito conhecida me envolvia, enternecendo-me uma vez mais com seu olhar paterno e benevolente. Era um anjo que já me acompanhara de perto em muitas oportunidades, cuja austeridade temperada com imensa indulgência já era conhecida por mim. Era o generoso Erasto, que servia na família espiritual do apóstolo Paulo como seu fiel discípulo, e cujas relações comigo marcavam o transcorrer dos séculos. Erasto foi meu pai numa de minhas existências terrenas, e era meu guia no mundo dos Espíritos, onde eu então habitava.

Ele me olhava com ternura, sem nenhum julgamento. Eu, que sentia o tempo todo que deveria estar no banco dos réus, sentindo-me réprobo e o menor dos seres pelas faltas cometidas,

sentia agora nascer em mim alguma dignidade, pela maneira como esse verdadeiro pai me olhava, apelando à minha razão, a fim de que eu submetesse minhas paixões ao seu especialíssimo governo. Ah, eu sempre fora dominado pelas emoções, pelas sensações, e Erasto queria me ver submeter à razão e ao bom senso todas as minhas faculdades. Era a esse trabalho que ele frequentemente me exortava, desde há algumas vidas, e então ele me comunicou os seguintes pensamentos:

“Elevei tua prece a Deus, meu filho, e ele permitiu que teu pedido, que chegou a Ele como uma lágrima nascida do arrependimento sincero, fosse atendido. Apresentei-te a ele mais uma vez como meu protegido, e ele deu-me a tarefa de te colocar em melhores condições para apresentar-te aos Espíritos do Senhor, que a serviço de Jesus multiplicam o chamado para a obra da regeneração da humanidade pela Doutrina que há de vir.

“Ah, meu amigo, os profetas já fizeram o anúncio de todas as coisas que estão por vir, e serão difíceis as provas que todos os voluntários a prestar um serviço a essa causa haverão de enfrentar, a causa da humanidade futura! Estarão em campo de batalha contra inimigos de todos os lados, sejam do mundo dos Espíritos, sejam do mundo terreno.

Deverás, tu mesmo, cingir os rins e preparar-te para a luta, que será difícil, mas que dela poderás triunfar, se não te precipitares no hábito de te lançar em tarefas acima das tuas forças. A prudência deve ser tua companheira, a fim de que não te precipites no abismo. Estarei ao teu lado para ajudar-te a manter-te em guarda contra a vaidade e a prepotência, que poderiam te arrastar à trilha das tuas antigas paixões, causa de tantas infelicidades. Embora possas falhar nessa tarefa, tu poderás sair dela exitoso se colocares a tua fé sincera em Deus, dobrando-te à vontade dele com docilidade. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que recebas todas as instruções necessárias para que tomes a boa via e não te transvies.

“A mediunidade será para ti a ferramenta de trabalho providencial. Tua faculdade dará bons frutos, mas terás que exercitar muito até que ela realmente os produza em abundância. Isso será para ti uma prova de perseverança e coragem. Agirás como intérprete das ideias dos Espíritos, como já fizeste em outra vida, mas naquela oportunidade tu recebias as inspirações de maneira inconsciente, e teu organismo virá um pouco mais suscetível de realizar essa tarefa de maneira consciente e voluntária.

“Terás a oportunidade de servir no núcleo de trabalho que coordenará o conjunto de ações que preparamos, cujo guia espiritual é o próprio Cristo. Tua personalidade não deverá ser exaltada, pois mais vale uma palma de vitória no Céu do que um nome glorificado na Terra. Tua prova será a de submeter à caridade todos os movimentos interiores da tua alma, mesmo aqueles que o mundo desconhece. Irei sempre lembrar-te que fostes chamado, mas muitos o serão também; que não tens a posição espiritual do general, e sim a do soldado que deve felicitar-se com a oportunidade de ser a sentinela da própria alma, sem arvorar-te em guia de outrem muito precocemente. Apesar das dificuldades, essa próxima vida pode ser um divisor de águas em tua jornada espiritual, se souberes poupar-te aos dissabores das escolhas equivocadas, que te colocariam em perigo desnecessário.

“Terás um guia encarnado ao teu lado, e terás de observá-lo como um modelo a ser seguido e um mestre a ser amado. Tu o reconhecerás pela solidez de suas virtudes, e não pelos seus títulos. Ele será para ti um guia de como utilizar a razão para governar a própria vida. Tu irás conviver com este enviado de Deus, graças à misericórdia do Criador, e eu saberei conduzir-te até ele por razões que te parecerão fortuitas. Tu e outros com os quais

conviverás, aparelhados de alguma faculdade mediúnica, serão chamados ao mesmo trabalho, mas as provas serão individuais, como sempre sucede no enfrentamento das provas, apropriadas às lições necessárias ao adiantamento de cada filho de Deus.

“Como teu guia espiritual, seguirei ao teu lado e te falarei sempre à consciência. Não te abandonarei jamais, e enquanto quiserdes voluntariamente minha assistência, estarei protegendo-te e guiando-te como fizera o apóstolo Paulo comigo durante algumas existências, até que eu me apresentasse para servir a Deus ao seu lado, podendo trabalhar com ele, em favor dos nossos semelhantes. Tens alguma dúvida, meu filho?”

Refletia com profunda gravidade sobre a oportunidade que acenava para mim, e agradei, comovido, ao Criador, que atendeu ao meu apelo. Pude conversar com ele sobre alguns dos detalhes da minha prova, bem como solicitar conselhos para o êxito. Estava convencido de que não me transviaria, e sonhava com o dia em que poderia apresentar-me diante do meu guia espiritual, do solícito e generoso Erasto, para receber dele as congratulações por ter aproveitado bem a oportunidade. Como quem começa a se preparar

para uma longa viagem, iniciei os preparativos para o retorno à carne.

A emoção tomava-me, e eu aguardava a oportunidade que o laço fluídico iria começar a se formar². Lembro de minha emoção, num dos últimos pensamentos antes que a perturbação que antecede o retorno à Terra me tomasse por completo: “Obrigado, meu Deus, pela oportunidade...” Sentia que a porta da vida estava se abrindo para mim, e com a alma repleta de sonhos de felicidade, retornei à Terra no dia de Natal de 1816, com a esperança de que meu retorno à verdadeira vida, após vencidas as provas terrenas, fosse um motivo de celebração.

² Ver *O Livro dos Espíritos*, questão 344.

III

Meu encontro com Allan Kardec

Desenvolvi-me e cresci sob os cuidados de minha mãe, em Grenoble, que havia sido a terra natal de algumas gerações da minha família. Mais tarde, contudo, fui morar em Paris, constituindo, na idade adulta, uma família com Maria Georgé, a companheira fiel de toda a minha vida. Eu, que era muito emotivo e com personalidade um tanto frágil, enfrentava altos e baixos nas finanças, e meu estado de ânimo seguia esse mesmo caminho, como a alta e a baixa das marés.

Eu havia colocado grande parte de meus recursos financeiros em meus negócios como editor musical. No entanto, houve um momento em que vi que a entrada financeira começava a ser menor do que a saída de dinheiro, o que indicava que em pouco tempo a coisa se tornaria insustentável. Eu não apenas me sentia quase sem esperanças, como também muito angustiado. Foi nesse contexto que vi, nas páginas do *Le Siècle*, notícias sobre o Espiritismo, assim como a menção ao movimento das mesas girantes, que agitavam a sociedade

européia, com o qual não me envolvi diretamente, especialmente porque estava trabalhando muito para sobreviver e fazer com que meus negócios frutificassem.

No entanto, algum tempo à frente, soubemos por familiares e amigos que havia, em Paris, um grupo que fazia sessões espíritas com ordem e sob a orientação da razão mais exigente. O guia desse grupo respondia pelo nome de Allan Kardec. Foi no ano de 1859 que li, pela primeira vez, *O Livro dos Espíritos*, ainda enfrentando oscilações do humor, porque disseram-me que sua leitura poderia me ajudar a manter alguma calma, ainda que em meio a tribulações financeiras.

Li o livro e fiquei tocado com a profunda lógica de seus argumentos, como se eu já conhecesse aquelas páginas e como se cada pergunta ali, assim como cada resposta, ressoasse em minha alma. Como foi uma leitura encantadora, comovente mesmo, que atendia tão profundamente às minhas expectativas! Depois da leitura desse livro, li alguns exemplares da *Revista Espírita* que me foram emprestados, e interessei-me por confabular com o Sr. Allan Kardec. No entanto, o nosso primeiro encontro viria a acontecer tão somente no futuro.

Farei aqui uma breve digressão. No ano de 1857, eu enfrentei a falência de minha empresa, e com isso cheguei a um estado de tristeza profunda, com uma sensação dolorosa de fracasso. Eu havia me enganado ao supervalorizar o alcance daqueles negócios, agindo com alguma imprudência ao assumir mais coisas do que eu podia abarcar, esquecendo os conselhos que Erasto não deixava de inspirar-me. Embora entre o final de 1859 e o começo de 1860 eu estivesse melhor em alguns sentidos, mas ainda um tanto melancólico, recordei-me do livro que havia chegado às minhas mãos tempos antes, e solicitei a alguns amigos que me ajudassem a conversar com o autor daquele livro, o que aconteceu em ocasião especialíssima.

Foi assim que as circunstâncias, palavra que vulgarmente se utiliza para não se mencionar a influência dos Espíritos, me conduziram ao encontro de Allan Kardec.

Havia enviado uma carta a Allan Kardec solicitando uma conferência com ele, ao que ele brevemente aquiesceu. Chamou-me ele à sua residência, ainda à Rua dos Mártires, número 8,

numa quarta-feira à tarde, e eu ali me apresentei na hora combinada. Bati na porta, e fui logo recebido por uma senhora sorridente, que me disse que o seu marido me aguardava para a conferência agendada. Essa cena, coisa que eu sequer suspeitava naquele momento, viria a repetir-se muitas vezes nos anos subsequentes.

Alguns instantes depois, eu já estava dentro da residência da família Kardec, com um copo de água na mão aguardando pelo autor do livro que tanto me comoveu. Algo me dizia que o encontro seria útil para mim, mas nunca imaginei o quanto ele marcaria aquela existência.

Ele surgiu, caloroso, sem deixar de ser sério, e com um sorriso contido ofereceu-me a sua mão, pedindo-me que me apresentasse. Ele se lembrava da carta que eu havia escrito, palavra por palavra, mas pediu que eu lhe falasse francamente sobre o que desejasse e o que me trazia ali ao seu encontro. Falara-lhe do fracasso financeiro do meu empreendimento, do meu desejo de conhecer melhor a Doutrina espírita, e do apelo que a leitura de *O Livro dos Espíritos* fizera à minha razão e ao meu coração, especialmente numa fase de tamanha fragilidade pessoal.

A sinceridade com que lhe falei de meus erros, de minha instabilidade e da minha falta de

tato para os negócios, tocou o meu interlocutor, que me escutava com olhos atentos, fazendo com que me sentisse muito à vontade e seguro para falar da minha dor moral. Eu sentia que ele não me julgava e que aquele homem poderia me ajudar a melhorar meu estado de ânimo e a seguir em frente, ainda que eu me sentisse moralmente fraco.

No entanto, antes de me falar das coisas etéreas, matéria que ele certamente dominava, falou-me que também já havia cometido erros nos negócios, não no mesmo ramo que eu, mas que também já havia sido inexperiente, ainda que fossem boas suas intenções. Falou-me de um pensionato para meninas, seu último empreendimento educacional, assim como de outros empreendimentos pedagógicos que não haviam sido bem-sucedidos, embora tivesse feito esforços para acertar. Dissera-me que tudo isso havia sido motivo de aprendizado, e que agradecia a Deus por todas as lições que tais provas lhe haviam oferecido, e que poderia usar essas experiências para conduzir com maior segurança o seu trabalho atual, à frente do Espiritismo.

O que mais me tocou, logo de início, nessa primeira conversa, foi sua imensa franqueza, sua honestidade para comigo, pois o Sr. Kardec estava diante de um homem que ele desconhecia,

consolando-me ao contar sobre os problemas que ele também viveu. Ele falava pouco de si, o que eu viria a descobrir no curso dos anos, mas senti que ele queria mostrar alguma reciprocidade com relação à minha sinceridade, o que fez com que me sentisse melhor em sua presença, pois sabia que estava diante de um homem de carne e osso como eu. No entanto, logo passamos ao tema da Doutrina, quando pude esclarecer-me sobre o desenvolvimento dos médiuns. Perguntei-lhe se havia sinais físicos com os quais se poderia reconhecer os médiuns, e ele me disse que estava convicto, pela observação dos fatos, que não haveria sinais que dessem antecipadamente a certeza de que alguém seria médium, certeza que só com os exercícios se poderia obter.

Escutava extasiado as suas observações sobre os médiuns inertes, uma teoria que estava sendo objeto de seus estudos alguns meses antes do nosso encontro, bem como outros estudos que estava realizando na Sociedade de Paris naquele momento, com a ajuda dos médiuns que estavam à sua disposição. Ele me ofereceu uma assinatura gratuita da Revista Espírita, o que eu agradei, ruborizado. Disse-me, ainda, que eu poderia começar a contribuir financeiramente quando eu voltasse a

dispor de recursos para isso, e mais uma vez me senti tocado pela sua bondade.

Eu lhe falara de um amigo meu, que estava indo à Sociedade de Paris na categoria de associado livre, e lhe perguntei se eu mesmo poderia ir assistir a alguns de seus trabalhos. Ele me disse que eu poderia, desde que estivesse integralmente de acordo com *O Livro dos Espíritos*, obra que traz os fundamentos filosóficos da Doutrina. Eu aquiesci, e ele disse-me que eu poderia falar com meu amigo para que ele me levasse a uma das sessões da Sociedade, onde homens e mulheres sérios dedicavam-se a estudos e experimentações espíritas regularmente, onde só se eram admitidos indivíduos que faziam perguntas sérias, como as que eu estava realizando diante dele.

Três horas depois de nossas conversações, eu não estava apenas consolado, como também estava profundamente esperançoso em relação ao futuro. Afinal de contas, eu queria ver com meus próprios olhos como se realizavam os trabalhos na Sociedade e, intimamente, eu desejava saber se eu mesmo poderia trabalhar como médium, ainda que externamente eu nunca houvesse dado nenhum sinal de mediunidade, a não ser alguns sonhos significativos que tivera, assim como outros eventos até então inexplicados, mas nada de extraordinário.

Havia lido *O Livro dos Espíritos*, em sua primeira edição, onde constavam alguns trechos sobre a mediunidade, mas ainda não havia, eu mesmo, experimentado nada a respeito dessa faculdade.

Despedimo-nos, e algumas semanas depois eu estava me preparando para participar de uma das sessões gerais da Sociedade, como visitante. Eu sequer imaginava, naquela oportunidade, o que isso significaria, tanto para aquela existência, quanto para a minha vida como Espírito. No entanto, eu sentia que era exatamente aquele lugar onde eu deveria estar no universo inteiro, havendo encontrado pela primeira vez um espaço onde minhas dúvidas haveriam de obter respostas satisfatórias. Meses depois, já com um novo emprego, um pouco mais fortalecido e em melhor estado de ânimo, fui admitido como associado livre. Foi aí, embora já tivesse feito leituras a respeito, entre o final de 1860 e o início de 1861, que considero ter realmente iniciado os meus estudos sérios de Espiritismo.

No entanto, eu sequer imaginava que meu gênio, assim como minha emotividade incontida fossem colocar, mais adiante, a minha relação com o próprio Allan Kardec em risco, com altos e baixos, como havia ocorrido com meus negócios e com os principais empreendimentos de minha vida. É sobre

minha fase áurea, no serviço da Doutrina, e depois sobre os problemas que ocorreram, que falarei mais à frente.

IV

Fase áurea

Em primeiro lugar, eu me tornei médium escrevente da Sociedade depois de reiterados exercícios, por considerável tempo, passando a receber comunicações regularmente pela mediunidade intuitiva. Ainda que ela não fosse tão precisa e positiva quanto a de alguns outros médiuns da Sociedade, por meio dela eu pude colaborar, em mais de uma oportunidade, com algumas comunicações instrutivas. Dei a essa faculdade toda a extensão que lhe era possível, a fim de melhor servir aos Espíritos que desejavam se comunicar. Algum tempo depois, ainda em 1861, como me soou atraente unir a necessidade de um trabalho regular com o serviço à doutrina, aceitei o convite de Kardec para me tornar seu secretário pessoal remunerado, deixando meu trabalho de então como funcionário dos correios. Aquele convite era, pensava eu, uma das maiores honras da minha vida. Pude vê-lo de perto e aprender com ele sobre diversas questões relativas ao Espiritismo, e

creio que esse trabalho ao lado de Kardec foi mais útil para mim do que eu mesmo era para ele. Diria que trabalhar ao lado dele foi como me matricular em um curso sobre as virtudes, pois eu via a demonstração de todas elas em meu dia a dia na lida com ele. A essa altura, eu já especulava por que o chamavam de mestre, tanto os homens, quanto os Espíritos, mas foi graças à convivência com ele que entendi a justa razão desse título.

Enquanto certas questões me exasperavam, como algumas matérias de jornais que usavam palavras para ferir a pessoa de Kardec, ou mesmo algumas notícias que tínhamos de inimigos movimentando-se na sombra, Kardec se mantinha calmo e depositava toda a sua confiança em Deus e nos bons Espíritos. Seu senso de humor, tão peculiar, sua terna alegria por poder servir irradiava-se por todos os lados, mas nunca o vi usar os lábios para ferir ou debochar de quem quer que fosse. Se usava de uma ironia fina como recurso argumentativo, em alguns dos seus escritos, fazia-o com tanta caridade e amor que me impressionava. Claramente, hoje sei disso, a distância que o separava de mim era gigantesca. Enquanto ele respondia aos milhares de problemas com fé inabalável, eu respondia a muitos deles com alguma impaciência e falta de moderação. No fundo, eu

julgava muito difícil conviver com ele, porque enquanto minhas tendências me conduziam para baixo, as virtudes dele naturalmente o guiavam para cima, e frequentemente eu ficava pasmo com a sua maneira de ver as coisas, muito distintas da minha.

Em janeiro de 1862, ele e a madame Kardec me chamaram à sua residência, e informaram-me que o cargo de vice-presidente da Sociedade estaria vago para o próximo ano social. Eles pensaram que eu poderia candidatar-me, se eu desejasse, já que estava realizando muitas coisas ao lado de Kardec, e que aquele cargo poderia ser naturalmente ocupado por mim, pois eu já conhecia o dia a dia dos seus trabalhos. Era, sem dúvida, uma oportunidade muito lisonjeira e, no fundo, eu a desejava, pois poderia fazer do serviço à Doutrina a minha única ocupação. Quantas coisas não poderiam ser feitas, tanto na Sociedade, quanto fora dela, a serviço do Espiritismo! Desde que recebi o convite, já fazia planos de ser um vice-presidente mais ativo do que meus antecessores. Antes mesmo de eu aceitar o cargo que estaria vago na Sociedade, minha convivência com a família Kardec se estendia para além dos trabalhos espíritas. Eu e minha esposa frequentávamos sua residência, participando das suas ocupações corriqueiras, e da parte deles sempre havia demonstrações puras de virtude

realizando-se aos nossos olhos, o que muitas vezes nos deixava profundamente reflexivos.

Àquele tempo, consultei Erasto, já que Kardec me aconselhava a consultar meu Guia para as decisões mais importantes da minha vida, a fim de saber sua opinião acerca do meu desejo de me tornar vice-presidente da Sociedade. Eis o que ele me dissera:

“Um cargo é um cargo, isso apenas. Não te vanglories, mas agradece e pede força para bem cumprir suas tarefas, pois é uma oportunidade que te está sendo oferecida por Deus para o teu progresso, em primeiro lugar, e não para que te exaltes. Esta é uma das provas mais importantes de tua vida, pois deverás escolher a quem desejas servir: se é a Deus, ou ao teu próprio orgulho. Tua posição especial ao lado de Kardec suscitará invejas, ciúmes, e estará sujeita a perigos, pois há muitos Espíritos que agem na sombra e que tentarão, como víboras traiçoeiras, espalhar o veneno da intriga entre os colaboradores mais promissores da nossa causa.

“Eu não poderia, a esse respeito, senão aconselhar-te uma vigilância permanente sobre tua conduta, e o hábito da prece por ti mesmo. É de todo essencial que vejas tua posição ao lado de Allan

Kardec como algo provisório. Cedo ou tarde, deixarás de ser vice-presidente, um outro assumirá teu lugar como secretário, e então o que sobrar de ti? Esta prova deve servir para que aprendas as lições mais urgentes ao teu Espírito, e não para que te consideres um ser privilegiado. Recomendo-te humildade, prudência, e coragem para olhar com sinceridade para ti mesmo, envidando esforços para vencer o homem velho que ainda habita o teu ser. Eis a melhor maneira de aproveitar a oportunidade que te é conferida pelo mestre Allan Kardec.”

Erasto

Eu anotei essa comunicação em um papel, mas não a mostrei a ninguém. Examinei-a e a julguei instrutiva, mas estava tão distraído com minhas ocupações que desprezei os conselhos que me haviam sido dados. Foi assim que minha fase áurea começou a ceder, frente à inconstância de meu próprio Espírito.

Aceitei tornar-me vice-presidente da Sociedade de Paris numa sessão que me deixou efusivo diante dos meus colegas, tendo feito um discurso cheio de emoção e contentamento. Era uma posição privilegiada, e, ao mesmo tempo, cercada de desafios, dada a diferença de

temperamento entre mim e Allan Kardec. Enquanto éramos apenas amigos, e eu trabalhava simplesmente como médium, o nosso relacionamento ia bem, mas na medida em que assumi o tal cargo, as coisas se tensionaram entre mim e ele. Aos poucos gostei das vantagens e do olhar admirado que essa posição suscitava, e então começaram, ainda que de maneira sutil, mais graves problemas.

Lentamente, julguei dispor de forças acima das minhas, desejando ir rápido demais em assuntos que exigiam reflexões mais demoradas. Deixei minhas emoções falarem mais alto, e lentamente fui confundindo minha posição de mero colaborador com a do guia encarnado desse movimento. Quando comecei como médium na Sociedade, eu aceitava com reconhecimento as críticas às comunicações espíritas que recebia, e me considerava consciente das virtudes que me faltavam, e também não me julgava invulnerável às mistificações. No entanto, aos poucos, passei a fazer uma avaliação muito singular de mim mesmo e dos Espíritos que me assistiam. Ao mesmo tempo, passei a tomar a moderação imperturbável de Kardec como um defeito de caráter, e não mais como uma virtude. Passei a acreditar que ele estava indo muito devagar em relação à ciência espírita, e a discordar da sua

administração à frente da Sociedade e de alguns pontos da Doutrina.

Kardec examinava todas as comunicações que lhe eram remetidas, de vários cantos do planeta, mas ainda que houvesse várias delas sobre um mesmo tema, apontando uma certa direção, por vezes ele preferia outro caminho, porque sua razão lhe indicava que as explicações dadas pelos Espíritos não atendiam totalmente à lógica mais rigorosa, ou que careciam de mais elementos para serem admitidas no corpo da doutrina, ou precisavam, na visão dele, de mais tempo de maturação. O que me exasperava era que os outros colegas da Sociedade, à certa altura, passaram a julgar que ele fazia uma doutrina um tanto pessoal. E aos poucos eu passei a concordar com eles.

Eu simplesmente esquecia, dia após dia, da mais viva gratidão que senti, quando me apresentei diante de Kardec em frangalhos, numa espécie de bancarrota espiritual, tão fragilizado, em busca de um abrigo seguro para repousar minha alma fatigada. Esquecia que eu era um pigmeu ao lado de um gigante! Nesse meio tempo, é claro que eu pude fazer coisas úteis, graças à mediunidade ou ocupando o cargo de vice-presidente, mas lentamente fui ofuscando-me com a luz que provinha dos Espíritos bons e do próprio Kardec,

tomando-a por minha própria luz. Sem me aperceber, em meados de 1863, eu já não estava mais examinando as comunicações com a calma racional de antes. Passei a confiar demasiadamente em mim mesmo. Foi nesse período que ocorreu sutilmente minha passagem da fase áurea para a fase do conflito entre o homem velho e o homem novo que eu desejara ser, sem que me decidisse para qual lado desse conflito interno seria hasteada a bandeira do triunfo.

Nesse ínterim, as antigas parcerias, os Espíritos pseudossábios que foram meus companheiros falsos religiosos de outras existências, voltaram a me influenciar sobremaneira, substituindo-se gradualmente a Erasto e aos nossos demais Guias. De início, a influência deles era bastante sutil, mas aos poucos passou a se interpor em meus raciocínios e a excitar minhas antigas paixões, a fim de que minha razão fosse, pouco a pouco, mais prejudicada. Eu passei a preferir a voz da mentira, que afagava minhas imperfeições, à voz da verdade, que poderia me libertar desse jugo. Os Espíritos de meus antigos comparsas me seduziram novamente, aproveitando-se do meu lado mais fraco, estimulando-me a ir mais depressa que Kardec e, em suma, fazendo-me julgar mais capaz do que ele a

respeito de um número considerável de questões. É a respeito dessa má influência, tão persistente, que se abateu sobre mim, que tratarei em detalhes mais adiante, bem como do esforço de Erasto para se fazer ouvir na acústica da minha alma, em mais de uma ocasião, a fim de alertar-me sobre os inimigos invisíveis que tão insistentemente me rondavam.

V

Fascinação

A má influência oculta de meus antigos comparsas, falsos religiosos de outras existências, foi se estabelecendo de maneira progressiva ao longo do tempo. Procurarei aqui, tanto quanto possível, descrever todas as suas fases, desde a influência moral mais sutil, até a mais completa perturbação de minhas faculdades mentais. No final do ano de 1863, eu seguia em meu trabalho habitual junto ao movimento espírita nascente. No entanto, aos poucos percebi que não havia tanto espaço para mim e para que eu expressasse minhas ideias, especialmente na *Revue Spirite*. Lembro-me que eu procurava outros jornais para publicar minhas ideias e alguns dos discursos que pronunciei na Sociedade, uma vez que Kardec jamais interessou-se em publicá-los no seu periódico mensal. Eu desejava falar em altas vozes porque acreditava que eu era alguém que tinha algo a acrescentar, alguém a quem valeria a pena ouvir. Era minha vaidade falando mais alto. Foi aí que as vozes

ocultas dos inimigos passaram a me perturbar, durante a emancipação de minha alma no período do sono. Contudo, uma noite, quando já estava parcialmente emancipado, meu verdadeiro guia espiritual acercou-se de mim e me disse:

“Meu caro amigo, como prometi te guiar e te proteger dos perigos, devo te alertar sobre o desvio de rota que estás tomando, pois queres ir depressa demais ocupar uma posição para a qual não estás preparado. És um tenente, e não imaginas as lutas que experimentam os generais, pois à sua esquerda e à sua direita estão a postos inimigos declarados ou ocultos, que preparam armadilhas muito bem escondidas, em meio a belas folhagens. A posição de Kardec é a do general, porque ele reúne as condições para enfrentar os perigos sem deixar-se iludir pelo canto das sereias. Estás procurando um lugar de destaque para fazer a difusão de nossas ideias acontecer mais depressa, mas recorda-te do ensino de Kardec de que antes de fazer a coisa para os homens, é preciso formar os homens para a coisa. Sabes o que isso significa? Eis o que te digo: não se forma um general no campo de batalha, mas nos diversos níveis da carreira que podem torná-lo, a cada etapa vencida, mais experimentado. Lembra-te como voltaste à Terra, da prece que

fizeste a Deus, com a alma ajoelhada diante dele, pedindo uma oportunidade de expiar o passado e preparar-te para um futuro mais feliz?

“Recomendo que, de agora em diante, tu busques o anonimato, pois ainda que utilizes pseudônimos nos diversos jornais para publicar teus escritos, gastas um tempo precioso que poderias estar usando para trabalhar nos bastidores, procurando aprender com Kardec, que é um dos guias da humanidade reencarnado, sobre como tornar-se um homem de bem. Não te enganes. Teu esforço não frutificará se procurardes uma posição de destaque, distante do trabalho com Kardec. Antes de retornar à Terra, solicitaste a Deus a posição de simples obreiro na edificação da nova Doutrina. Apenas uma triste ingratidão explicaria teu afastamento do posto de trabalho que foi por ti mesmo escolhido. Ainda mais uma vez, como sempre te digo, submeta todas as comunicações que recebes ao cadinho da razão do nosso mestre, sem que te sintas desprivilegiado, pois os médiuns mais promissores, dos grupos espíritas mais sérios, estão sendo atacados pelos inimigos ocultos de nossa causa, que agem com calculada perfídia. Irei ditar por teu intermédio diversas comunicações que prepararei a respeito dos conflitos que ocorrem nesse momento, para abrir teus olhos, em primeiro

lugar, e para prevenir todos os incautos da França e do estrangeiro, a fim de que confiem mais em Deus do que em si mesmos³. Confio em tua capacidade de fazer diferente, de colocar tua fé no Criador, meu querido amigo. Pense no futuro, pense na tranquilidade de consciência que tanto almejas, e busque desde agora a posição humilde de quem quer aprender, e não de quem quer ocupar posições que somente te fariam lançar no precipício. Aceitarias orar comigo, pedindo a Deus que essas ideias sejam recordadas por ti, ainda que em forma de intuição, quando acordares?”

Eu estava em prantos, ao escutar tudo o que me era dito por Erasto, pois estava emancipado, com meu Espírito ao lado do meu corpo, e refletia sobre tudo o que eu estava fazendo durante aquela existência. Havia sobre a minha escrivaninha alguns jornais da época nos quais já havia feito publicações sobre o Espiritismo, e também vários esboços de artigos que eu publicaria, mais adiante, ainda que Allan Kardec se recusasse a publicá-los na sua *Revue*. Olhei para tudo aquilo sob uma nova

³ Sobre este tema, Allan Kardec publicou, na Revista Espírita de dezembro de 1863, uma dissertação assinada pelo Espírito de Erasto, recebida pelo Sr. d'Ambel, cujo título é “Os conflitos”. Além deste exemplo, há outros, no mesmo sentido apontado na comunicação acima.

perspectiva. Ainda durante a emancipação, orei com Erasto implorando a Deus que eu não me transviasse, e me senti mais fortalecido para prosseguir no enfrentamento da minha prova. Acordei, no dia seguinte, e rasguei os esboços que eu preparava, pois uma voz interior me dizia que sua publicação não seria útil. Era a promessa que Erasto me havia feito, pois ele disse-me que levaria a minha prece ao nosso Pai comum, pedindo-lhe que me fortalecesse para não ceder às vozes da mentira.

No entanto, apesar dessa intuição mais ou menos vaga do caminho que eu deveria evitar, Erasto queria deixar-me inteiramente o mérito da ação. Eu hesitei por algum tempo, advertido também por amigos encarnados, mas acabei acolhendo novamente a ideia de escrever por mim mesmo novos artigos, que eu acreditava que iriam fazer a diferença para os leitores. Lentamente, fui deixando-me enredar nos artifícios utilizados pelos que gostavam de incensar minhas paixões menos nobres, principalmente minha vaidade e meu orgulho. Noto hoje que o mero desejo de ter artigos assinados com meu nome, por sentir-me algo ressentido por não ver meus escritos serem publicados na *Revue*, já se devia à influência de meus antigos comparsas, que me sopravam aos

ouvidos: “Você está sendo subvalorizado... Kardec não lhe dá o devido valor... O que você tem a dizer e a mostrar para o mundo é importante... O Espiritismo tem que ir mais depressa, e é você que deve fazer com que ele frutifique mais rapidamente... O mestre Kardec vai devagar demais... Será preciso alguém com uma coragem ainda mais vivaz para que os homens possam ter acesso a verdades que devem ser conhecidas logo...”, e assim por diante. Todas essas ideias me passavam pela cabeça, como premissas que perturbavam meu raciocínio.

Por vezes, eu estava pensando em qualquer assunto, e esses pensamentos me eram sugeridos com tanta força, sem que eu percebesse a sua origem, que eu abandonava aquilo em que estava pensando, fosse o que fosse, para me dedicar a refletir sobre o que me havia sido sugerido. Assim, passou a ser frequente a interrupção de coisas importantes que eu deveria fazer no dia a dia, que eu deixava pela metade, porque, sem perceber com clareza, eu já estava me dedicando a uma nova tarefa sem haver terminado a anterior. Isso se dava por causa da minha falta de vigilância e por não orar por mim mesmo pedindo sabedoria. Foi assim o começo de minha triste obsessão, que se iniciou com pensamentos estranhos que entrecruzavam

minhas ideias, atrapalhando-me de maneira sutil no dia a dia. Uma noite, no entanto, na Sociedade, um evento deixou meu orgulho especialmente ferido.

Numa das sessões da Sociedade, que Allan Kardec dirigia, eu recebi duas comunicações dos Espíritos. Uma delas, sobre um tema suscitado nos próprios debates, foi considerada instrutiva, ainda que precisasse de ajustes na forma, já que algumas palavras pareciam não ter sido bem captadas por mim. Até aí, tudo corria bem. No entanto, a outra comunicação havia sido considerada apócrifa. Ela não tinha, segundo Kardec, nenhum dos caracteres de uma comunicação instrutiva, ainda que viesse assinada com o nome de Erasto, que habitualmente se comunicava por mim. Para o mestre, as ideias não decorriam umas das outras, havia uma descontinuidade no pensamento. Eu ruborizei, mas me contive para aparentar educação diante dos colegas.

Eu já havia recebido comunicações apócrifas antes, assim como mistificações, que, infelizmente, são escolhos inerentes a esse mundo, e aos quais todos os médiuns estão sujeitos. É por essa razão que a análise rigorosa das comunicações é

recomendada por Kardec e também pelos bons Espíritos, e assim era feito na Sociedade. No entanto, embora nos primeiros tempos eu aceitasse o exame com alguma docilidade, passei a ressentir-me quando uma comunicação que eu recebia era rejeitada, acreditando que Kardec poderia ter uma questão pessoal comigo. Além do mais, eu tinha muita dificuldade de entender como um médium poderia receber uma boa comunicação e logo em seguida uma má, mas hoje percebo que isso é possível. Eu me exasperei, e cometi um grande erro ao duvidar da imparcialidade e do bom senso de Allan Kardec; hoje vejo isso com clareza. Naquela sessão, pensei que ele não estava feliz com o fato de eu publicar meus escritos em outros periódicos, ou ainda que me censurava sem motivo justo.

O que eu não notava, era que eu mesmo estava começando a me vincular cada vez mais a Espíritos dominadores, em detrimento da assistência de Erasto e dos demais Guias da Sociedade. Apesar disso, assim que cheguei em casa após aquela sessão, evoquei Erasto para que ele me dissesse o que havia acontecido, e um Espírito mentiroso tomou o lugar do meu verdadeiro Guia para me dizer:

“Fui eu mesmo que ditei as duas comunicações. Não te detendas em teu trabalho pela má compreensão dos que te cercam, que não reconhecem teu talento, nem teu amor à causa, em virtude da qual estás disposto a sacrificar tudo. Nós saberemos te conduzir até às condições mais propícias para que realizes a principal tarefa que vieste concretizar na Terra, para a qual eu te preparei antes do teu nascimento. Não te preocupes e fique tranquilo.”

Era a mais pura expressão da mentira. Assim, eu fui escolhendo um falso guia, que se passava por Erasto, sem que eu percebesse, e isso porque ele atendia muito mais às minhas expectativas orgulhosas. Era, numa palavra, um guia mais adaptado às minhas aspirações terrenas. Apesar dos problemas, graças à misericórdia de Deus, eu recebia ainda na Sociedade algumas comunicações autênticas, ditadas pelos bons Espíritos, mas isso se devia muito mais à presença de Kardec e à comunhão de pensamentos entre os demais membros, do que propriamente ao meu desejo de servir aos Espíritos do progresso. Mesmo os médiuns mal assistidos por vezes recebem os alertas de seus guias ou comunicações instrutivas, a fim de que jamais possam dizer que foram

esquecidos ou desprezados por Deus. No entanto, pouco a pouco fui ficando inquieto com a maneira como as análises aconteciam, e fui me exasperando com o fato de que, apesar de ainda receber comunicações instrutivas, o número das que eram julgadas apócrifas foi crescendo cada vez mais, de sorte que passei várias e várias sessões sem nada produzir como médium. No entanto, Erasto jamais deixou de tentar abrir os meus olhos, e se eu me transviei não foi por falta de avisos.

Os leitores das obras espíritas vão perceber que, por alguns anos seguidos, Kardec publicou algumas comunicações instrutivas que recebi, mas se eu tivesse prestado atenção, eu as teria aproveitado em primeiro lugar para mim, antes de querer que os outros se beneficiassem delas. O que mais me toca, quando faço uma análise sincera da minha vida como d'Ambel, é que Deus sempre me deu os alertas para os problemas que eu viria a enfrentar, pois ele queria que eu aprendesse a servir com abnegação e devotamento. Hoje lamento por não ter bem aproveitado as oportunidades que me foram dadas. No curso dos anos, fui médium de Espíritos felizes, de suicidas, de criminosos, de obsessores cruéis, e todos os relatos que pude obter por via mediúnica deveriam ter servido, em

primeiro lugar, para me despertar, para me socorrer.

Não é preciso dizer, àquela época, que o amor que eu havia sentido por Allan Kardec estava, ao menos em parte, soterrado sobre certos ressentimentos gerados pelo meu orgulho. Nossa relação estava algo abalada. Como acreditava realmente que meus dotes intelectuais, as comunicações que eu recebia, e tudo o que pude aprender não cabiam mais no anonimato a que Kardec nos aconselhava, coloquei muitos recursos financeiros na criação de um jornal, que intitulei *l'Avenir, o monitor do Espiritismo*. Eu desejava ir mais rápido que Kardec, dando notícias e ensinamentos antes do mestre, e disponibilizando aos leitores muitas das comunicações que eu recebia, mas que não eram, no meu modo de ver, tão bem aproveitadas por Kardec.

Eu tinha muitos planos, e desejava caminhar com vigor para o futuro, mas não via as armadilhas preparadas no caminho pelos inimigos do Espiritismo! Eu já não conseguia mais escutar meu verdadeiro guia, afastando-me dele até mesmo nos meus sonhos, dando preferência a quem apoiava os meus estranhos empreendimentos, ainda que eles representassem um risco para mim e para os que me rodeavam. A essa altura eu estava com a minha

razão prejudicada, confundindo o bem com o mal e vice-versa. Acreditava sem reservas nos maus Espíritos que passaram a me assistir. Era a mais consolidada fascinação, com fluidos densos que formavam uma couraça ao redor do meu cérebro, interferindo em meus pensamentos, evitando que eu desse ouvidos a quem discordasse de meus planos. Comecei a receber e a publicar em meu jornal comunicações contrárias ao ensino geral dos Espíritos, e mesmo os da ciência ordinária. Mas que isso importava, agora?

No ano de 1864, eu deixei o cargo de secretário pessoal de Kardec, enfrentando com ele algumas crises, e um ano e alguns meses mais tarde desliguei-me definitivamente, em detalhes que darei mais adiante, das atividades da Sociedade de Paris. Quanto ressentimento o orgulho me causara! Eu dava as costas para aqueles que tentavam abrir meus olhos, e só dava ouvidos aos que compartilhavam da minha insensatez. Outros médiuns da Sociedade, nesse mesmo período, seguiram mais ou menos o mesmo caminho que eu, talvez dando ouvidos aos mesmos falsos profetas que me inspiravam. Eu, contudo, sequer imaginava o que estava por acontecer em minha triste vida, pois a essa altura as coisas estavam mais graves do que nunca.

VI

Suicídio

O ano de 1865 foi especialmente difícil para mim, pois eu já estava com minhas faculdades mentais muito prejudicadas, sendo doloroso para mim, ainda hoje, a mera lembrança de alguns acontecimentos. No entanto, em nome do meu compromisso com a verdade e com a reparação de meus erros, farei, ainda que de maneira sucinta, alguns apontamentos históricos, tendo em vista o aprendizado que deles pode decorrer.

O mestre Allan Kardec, àquela altura, estava enfrentando alguns sérios problemas de saúde que fragilizaram o seu organismo, levando-o a deixar, ainda que por algum tempo, a direção das sessões à frente da Sociedade. Eu tive então a oportunidade de dirigi-las, ainda como vice-presidente. No entanto, como eu já havia cedido às injunções de um Espírito falso religioso da pior classe, aproveitei para fazer da Sociedade um palco para expor as minhas próprias ideias, já comprometidas pelas ridículas sugestões do falso Guia, que pretendia,

ainda que sutilmente, transformar o Espiritismo em uma religião oficialmente estabelecida.

Quando soube de alguns acontecimentos ocorridos nesse período, o mestre Kardec advertiu-me, e é triste recordar-me das palavras que lhe dirigi, pois eu já não mais me referia a ele com o respeito e o reconhecimento de alguns anos antes. Ainda assim, um eco dos conselhos que o verdadeiro Erasto inspirava à minha consciência me fazia hesitar algumas vezes em meus planos, mas infelizmente acabei cedendo à pressão dos inimigos invisíveis. Passei então a publicar em meu jornal diversas comunicações que eram rejeitadas na Sociedade, ou mesmo aquelas que haviam sofrido alguma modificação por parte de Kardec, e que eu desejava que fossem conhecidas na íntegra pelos leitores. Um dos maiores erros que cometi, como médium, foi não ter dado ouvidos aos conselhos da experiência do mestre e dos demais amigos, e não ter me submetido à apreciação daqueles que queriam a verdade. Outro erro foi ter esquecido dos conselhos que meu verdadeiro guia me havia ditado em diversas circunstâncias, para que eu jamais aceitasse o ditado de um Espírito tão somente pela sua assinatura, mas que submetesse ao crivo da razão e do bom senso as ideias nele contidas.

Esquecido dos vários alertas que Erasto me fizera para não dar ouvidos aos falsos profetas, passei a dedicar-me a uma obra que intitulei o *Livro de Erasto*, em cujo frontispício estaria o meu nome ao lado do nome de Erasto, que era como passou a assinar o meu falso guia, tomando hipocritamente o nome dele. O hipócrita ordenou-me que publicasse tudo quanto ele me ditava. Apesar das vozes dos poucos amigos remanescentes, que ainda insistiam para que eu abandonasse essa ideia, depois de algum tempo de hesitação, passei a publicar, em meu periódico semanal, de maneira fracionada, o *Livro de Erasto*, um conjunto de comunicações apócrifas que pretendia reunir uma série de dissertações sobre temas variados, não havendo eu mesmo sequer compreendido, àquela época, o objetivo daqueles ditados, tão cego que eu estava pelo desejo de publicá-los.

Eu acreditava que um jornal semanal seria melhor do que o jornal mensal, ou a *Revue Spirite*, de Allan Kardec que, no meu entender, somente muito tardiamente dava respostas aos seus críticos e comentadores, bem como as notícias esperadas pelos espíritas. Eu acreditava poder ir mais depressa e fazer ainda melhor que ele, e como meu nome se tornara conhecido no círculo da grande família espírita, acreditava já ter notoriedade o suficiente

para que o meu jornal tivesse sucesso. Claramente, como eu viria a saber tarde demais, tudo isso havia sido sugerido por aquele mesmo falso guia que, dia após dia imiscuía-se em meus pensamentos, incensando as minhas paixões, e sugerindo que me afastasse da Sociedade de Paris e dos amigos, para melhor me dominar. E foi justamente o que aconteceu.

Minha saída da Sociedade se deveu a uma série de sérios desentendimentos, não só com a pessoa de Kardec, mas também com alguns de seus membros, que entendiam que eu queria ir rápido demais, embora ainda tivessem tentado, por algum tempo, abrir meus olhos para que eu visse a cilada. Mas, em vão.

As doutrinas que eu divulgava, meu estado de humor, minha absoluta falta de tato para apreciar com isenção o valor do que eu mesmo estava recebendo dos Espíritos, meu isolamento, assim como a posição de destaque que eu julgava merecer, tudo isso me fez desviar-me do caminho que eu havia implorado a Deus antes de nascer. O mais terrível viria a acontecer meses depois.

Meu estado de humor foi piorando, dia após dia. A alegria que eu tão vivamente sentia, nos primeiros anos de serviços em prol da divulgação da Doutrina, com a evocação dos Guias e dos trabalhos ao lado de Allan Kardec, havia desaparecido completamente. Eu agora estava mergulhado numa profunda melancolia. Minha esposa se exasperava, e em cartas trocadas com membros da sua família, confidenciava a eles o meu estado de ânimo depressivo e sua justa preocupação. Para completar, eu estava com extrema dificuldade de dar andamento ao trabalho à frente do periódico semanal, pois embora o valor das assinaturas fosse baixo, o número de assinantes decrescia, dia após dia. Era evidente que eu estaria novamente enfrentando, muito em breve, mais uma falência financeira.

Era o ano de 1866, e minhas relações com Allan Kardec estavam rompidas. No entanto, nesse mesmo ano, minha esposa insistiu que eu voltasse a escrever para ele. Ela me lembrava com insistência o quanto ele havia sido respeitoso e compassivo, quando eu o procurei pela primeira vez, e como ele havia aberto as portas da sua casa para mim. Então, com muitas lágrimas nos olhos, escrevi-lhe uma

carta, pois precisava contar-lhe da dor que eu sentia no fundo da minha alma, da angústia e da calamitosa situação econômica. Minha esposa me dizia, insistentemente, que as portas de Kardec jamais estariam fechadas ao arrependimento sincero. Eu não cheguei a remeter a carta, pois não me sentia com forças suficientes, tomado por um tolo orgulho que me cegava. Foi minha esposa que a enviou a Kardec, que prontamente a respondeu dizendo que nunca houvera deixado de orar por mim, e que não havia, da parte dele, nenhum tipo de ressentimento.

Ler aquelas palavras me levou às lágrimas, mas não me senti apto a responder. Ele me autorizava a republicar, em meu periódico semanal, alguns dos artigos que ele publicara na *Revue Spirite*, pois isso poderia ser de interesse dos meus leitores, aumentando o número de vendas, ajudando-nos na nossa sobrevivência. Foi o que fiz, mas infelizmente a impressão do meu periódico viria a ser interrompida em meados de 1866. O bom ato de Kardec não foi suficiente para diminuir os problemas financeiros que eu enfrentava, mas era a prova mais viva de que, ainda que alguns o pintassem como um indivíduo frio e sem sentimento, o prenome oculto de Allan Kardec sempre fora a palavra *Caridade*.

As dívidas avolumavam-se. De todos os lados chegavam exigências dos nossos credores, e a ameaça real de tomarem nossos bens me fizeram, para usar uma expressão bastante usual, ir ao fundo do poço. Eu não me sentia digno de pedir ajuda a ninguém, fosse quem fosse. Sentia-me só em meu atroz sofrimento, ainda que Maria, minha companheira tão fiel, fizesse de tudo para tentar me ajudar a manter a calma e a tranquilidade. Ela me falava, como sempre, que iríamos encontrar uma solução, desde que fizéssemos um plano. Insistia para que eu fosse falar com meus amigos espíritas, que eu fosse à busca de um emprego, pois poderíamos pagar as dívidas como fosse possível, mas eu sentia o mais vivo desespero. Hoje eu sei que a voz oculta, de meu inimigo invisível, que me levou a buscar um lugar de destaque diante dos homens, era a mesma voz que enfim me humilhava, fazendo-me sentir o pior dos seres.

Não tínhamos mais comida em casa, e minha esposa chorava, exasperada, pedindo a Deus ajuda, enquanto eu estava tomado de profunda dor moral e um terrível pavor quanto ao nosso futuro. Julgava-me culpado e estava sem forças, exausto. A dor era terrível, mas o orgulho ainda me cegava.

Não vendo mais saída, decidi, de maneira inteiramente impulsiva, acabar com minha vida pelo suicídio. Foi assim que, pouco antes de completar 50 anos, antes do tempo previsto pelo Criador, deixei a prova terrena, em meio a tantos sofrimentos para mim insuportáveis, dando o ponto final à minha existência como Alis d'Ambel.

Minha passagem ao mundo dos Espíritos não foi menos dolorosa. É sobre ela que falarei mais à frente.

VII

Minha passagem

Despertei no mundo dos Espíritos com uma profunda consciência de culpa. Por causa da minha cegueira, eu, que já conhecia com clareza o que me aguardava na outra vida, escolhi fugir às provas que enfrentava, desprezando a ajuda que poderia me ter sido dada. A vergonha era o que mais doía, essa tirana que é um dos traços mais marcantes do orgulho. Depois de estar em posse de mim mesmo, e recuperar minhas faculdades, sentia vergonha inclusive de Erasto, procurando evitá-lo, porque havia me precipitado no infeliz abismo do suicídio. A dor era atroz. Sentia-me sozinho num imenso espaço vazio e escuro, e era assim que eu gostaria de permanecer, tamanho era o meu remorso! Eu não queria que ninguém visse a minha situação, e permaneci com minha dor, isolado, pairando no espaço por algum tempo.

Escutava as palavras que me eram dirigidas de vários lugares, tão dolorosas quão desagradáveis! Havia aqueles opositores que me julgavam

demasiado pelo que fiz, e que não pouparam nenhuma palavra para dizer o quanto a Doutrina Espírita não havia sido suficiente para impedir um discípulo do Sr. Allan Kardec de lançar-se no abismo! Escutar as palavras que me eram dirigidas aumentava ainda mais a minha vergonha, e era eu que procurava manter meus olhos fechados para a luz, sentindo-me sem forças para enfrentar minha infeliz realidade. Um dia, no entanto, cansado de lamentar e sofrer, de me esconder e de me castigar, orei a Deus e ao meu guia Erasto, que apareceu para mim com sua luz, que aquecia sem me ofuscar. Ele me olhou com a ternura de um pai, como sempre, e me disse:

“Vamos, meu filho, recomeçar o caminho. O mestre Allan Kardec deseja evocá-lo para ter notícias suas e lhe ajudar, e eu recebi a tarefa de te conduzir até ele. É tempo de fazer do sofrimento uma oportunidade de progresso, e não um autoflagelo inútil. Muitos dos amigos da Sociedade oram por ti, e tu não recebeste as preces a ti dirigidas até agora porque te fechaste para a luz. Digo-te que essa pena pode cessar, desde que peças a Deus a força para arrepender-te sinceramente, solicitando também a oportunidade de reparar o mal praticado. A dor moral que sentes é

naturalmente decorrente das tuas próprias imperfeições, mas não precisa ser um flagelo que serve para que te conserves humilhado e fechado em ti mesmo. Acaso te esqueceste que o castigo bem compreendido serve apenas para a reparação do culpado, com finalidade educativa, e não para que ele sofra sem um fim útil? Coragem, meu filho, para abrir teus olhos à luz, pois não há ninguém que te obrigue a conservá-los fechados indefinidamente. Se quiseres, vamos agora mesmo ao encontro de Allan Kardec, a fim de que tu possas falar das dores que sentes, e do teu desejo de reparar o caminho.”

Eu aceitei o que me propunha Erasto, e muito rapidamente fui transportado por ele até uma sala muito conhecida, numa reunião íntima. Pela primeira vez eu falaria servindo-me de um médium, que eu também conhecia, numa mesa cercada de rostos igualmente conhecidos. Tomei a palavra com a esperança de obter alívio, e terminada a conversa, embora meu coração estivesse em pedaços, eu me sentia mais aliviado. No entanto, apesar de ter recebido o perdão que eu achava que não merecia, Kardec me dissera que a tarefa mais difícil e, por extensão, a mais meritória, era a de que eu tomasse a decisão de, dali em diante, fazer apenas o bem,

pois cada boa ação apagaria uma das minhas faltas passadas. Ele dissera que convidara para aquela sessão íntima apenas pessoas que tinham vivo apreço por mim, e realmente eu vi no íntimo dos presentes um amor que eu não fizera por merecer. Se eu pudesse dispor dessa visão antes, eu saberia com absoluta certeza de que eu jamais estivera sozinho como imaginava, e que as mãos amigas nunca deixaram de ser oferecidas para mim.

No entanto, apesar do alívio momentâneo, minha vergonha e meu remorso não cederam, senão depois de algum tempo. Apesar disso, as preces que Kardec e os meus colegas me dirigiam eram um bálsamo para minha alma cansada de tanto sofrer. Eles oravam e me transmitiam ideias de perdão, de coragem, de bom ânimo, de fé, e de todos os lados essas ideias me chegavam para tirar-me da melancolia a que me entregava, de tempos em tempos. Fui evocado diversas vezes, e nunca me faltaram as preces de Kardec, que dialogava comigo com a mesma humildade e o mesmo amor de que eu fui testemunha na primeira vez que nos conhecemos, anos antes, na sua antiga residência.

Pude comunicar-me com ele algumas vezes mais, inclusive numa das sessões especiais da Sociedade de Paris, já estando mais aliviado da dor que sentia, para agradecer por todas as

demonstrações de afeto que recebi. Deus, em sua bondade, queria que eu não apenas conhecesse a face da sua justiça, mas também a da sua misericórdia. Aos poucos, desfiz-me dos fluidos densos que danificaram meu juízo sobre coisas morais, e fui cauterizando as feridas da minha alma, que me impediam de caminhar para frente. E assim, com a ajuda do meu Guia, anos mais tarde, eu começava a me preparar para retornar à Terra novamente, pedindo-lhe que me ajudasse a escolher uma prova apropriada às necessidades de progresso daquele momento.

Retornei à Terra no começo do século XX, mas não como médium. Pedi a Deus a oportunidade de retornar ao mundo para aprender, antes de tudo, a cuidar das minhas paixões, a fim de submetê-las ao governo da razão. Acreditava, e Erasto me apoiou nessa decisão, que o aprendizado decorrente dessa prova seria muito útil para mim, antes que eu pudesse retornar à Terra para mais uma tarefa no serviço da Doutrina, como médium. Sinto-me feliz em dizer que fui bem-sucedido, tendo vivido uma existência em que pude trabalhar para obter meu

equilíbrio emocional, ainda que em face de provas difíceis, que consegui superar com algum esforço. Agora, tendo vencido esta dificuldade, preparo-me para, no futuro, voltar a habitar um corpo de carne, a fim de dedicar minha vida à Doutrina, como expiação do passado e prova para o futuro, em nome do meu amor aos Espíritos de Allan Kardec e de Erasto, aos quais sequer tenho palavras suficientes para agradecer pela bondade com que me tomaram sob a sua proteção, e que tantas vezes não fiz por merecer.

VIII

Ensino

Ao fim de minhas recordações, que ditei concentrando-me no que é realmente essencial, conforme as orientações de Erasto, fui convidado a registrar, ainda que resumidamente, meus principais erros como médium. Olhando para trás, lembro-me com muita gratidão de todas as comunicações instrutivas que recebi, e que Allan Kardec aproveitou, senão em todo, pelo menos em parte, em suas obras. Especialmente, sinto-me ainda mais grato quando me lembro das dissertações presentes em *O Livro dos Médiuns*, que foram ditadas pelo meu Guia, e se não fosse o meu desvio, a gratidão que sinto não seria tão perturbada por um inevitável sentimento de pesar, que não posso me furtar a experimentar, ainda que a vergonha hoje não me pese tanto sobre os ombros.

Meu principal erro foi não ter aproveitado, para minha transformação moral, as melhores comunicações que recebi, convertendo a minha

produção mediúnica na minha própria condenação. Ao ser intérprete do ensino dos Espíritos, eu escrevi tudo aquilo que deveria ter sido evitado por mim. Ao não aproveitar do que eu mesmo recebia, para usar palavras muito sinceras, eu não fui somente o autor do crime, diante minha consciência, mas também fui testemunha de meus atos e, em virtude disso, o meu pior carrasco. Esse é o aspecto mais doloroso de minha vida. Então, se posso falar francamente aos médiuns deste século, deixo um conselho: levem realmente a sério as boas instruções que lhes são ditadas pelos Espíritos, aproveitando para si o que recebem, através de demoradas reflexões e escolhas mais acertadas, em primeiro lugar. Este ponto é essencial.

Um segundo ponto foi que eu me julguei hábil o suficiente para desprezar os critérios imprescindíveis para o bom exercício da mediunidade. No início de minhas atividades como médium, eu analisava com rigor todas as comunicações que recebia, e aceitava a opinião dos demais membros da Sociedade de Paris sobre elas. No entanto, aos poucos, passei a relaxar esse compromisso, em virtude de uma autoconfiança ilusória; no começo, eu orava com sinceridade, pedindo a Deus a força e as luzes que me faltavam para discernir da verdade a impostura; porém, com

o tempo, as preces que fazia por mim mesmo diariamente passaram a ser cada vez mais sazonais, até que abandonei por completo esse hábito, tão convencido eu estava de que não precisava mais dele. Antes, eu evocava meu Guia para que ele me corrigisse, se eu estivesse equivocado sobre qualquer questão, e me orientasse, mas aos poucos passei a confiar demasiadamente em minhas próprias luzes, e a preferir um Guia que me aprovava em tudo, em vez de um que realmente me ajudasse a progredir. Lamentavelmente, passei a acreditar-me dispensado de cuidar dos detalhes de minha conduta, e com isso eu fui me enredando numa trama urdida pelos inimigos da erraticidade, sem dar-me conta disso.

Desprezando o ensino de meu Guia, que me aconselhava a nunca me deslumbrar com a assinatura de um nome ao final de uma comunicação, passei a acreditar que os bons Espíritos estavam ao meu inteiro dispor, tão somente pelo fato de que eles se comunicavam por meu intermédio com alguma frequência, como se eu estivesse dispensado de perseverar no ensino que eles me ditavam. Assim, tornei-me, sem perceber, um instrumento que os bons Espíritos somente se utilizavam na falta de outro melhor, com certa

repugnância⁴. Aos poucos, meus fluidos estavam tão confundidos com o de Espíritos mentirosos, que o verdadeiro Erasto se comunicava por mim cada vez com menos frequência, motivado por profunda compaixão, como quem entra na lama para salvar um amigo em perigo. É uma metáfora um tanto grosseira, mas não encontro melhores palavras para descrever com franqueza o que se passou comigo.

Se posso dizer alguma coisa de real utilidade a todos quantos desejam fazer progressos com a ferramenta da mediunidade, ou aos que se valem de médiuns para seus estudos e trabalhos espíritas, é que realmente amem *O Livro dos Médiuns*, dando provas desse amor pelos esforços sinceros em colocar em prática as lições ali reunidas. Não existem atalhos para o sucesso nos estudos espíritas, assim como não existem na aquisição das virtudes, e todos os que se dedicam ao Espiritismo Experimental devem ter isso sempre em mente, a fim de que não queiram chegar depressa demais ao objetivo visado, dispensando os passos intermediários, que pedem do estudante a prudência, a caridade sincera, a humildade de coração, a moderação das paixões e o uso mais

⁴ A expressão *repugnância*, aqui empregada, é a mesma utilizada em *O Livro dos Médiuns*, item 226, 7ª questão.

rigoroso da lógica e da razão, o que mais me faltou em minha vida terrena.

Além de tudo, afastar-me dos que realmente me amavam, dando-lhes uma prova de ingratidão, foi o que me afundou em um poço do qual eu jamais me recuperei naquela existência. É com um misto de gratidão e tristeza que me lembro de tantas mãos estendidas, que nos momentos mais difíceis da minha vida foram meu suporte, tendo eu desprezado toda a ajuda que me foi dada, escolhendo seguir a voz da mentira em vez da luz libertadora da verdade. Por fim, digo que faltou-me ouvir e respeitar o guia encarnado com o qual pude conviver, o mestre Allan Kardec, fazendo da oportunidade de estar ao seu lado um exercício de discipulado.

Em nome de tudo o que pude descrever neste modesto trabalho, não poderia senão exortar o leitor a tomar por mestre a alma tão nobre e solícita de Allan Kardec, colocando em prática os seus ensinamentos, como um exercício de verdadeira gratidão, tendo a certeza de que esse Espírito jamais abandonará os que ficaram na retaguarda, estando disponível a todos aqueles que queiram aprender a amar e a servir.”

Alis d'Ambel

FIM

IX

Algumas informações biográficas sobre o Sr. d'Ambel

Emmanuel-Balthazard-Marie-Eugène Alis d'Ambel nasceu em 25 de dezembro de 1816 e morreu em 17 de novembro de 1866. Como médium, recebeu diversas comunicações ditadas pelo Espírito de Erasto, que era seu guia espiritual. Allan Kardec publicou muitas comunicações recebidas pelo Sr. d'Ambel em suas obras, mas foi em *O Livro dos Médiuns* que sua colaboração foi realmente marcante, tendo recebido muitas das dissertações ali presentes. O Sr. d'Ambel foi vice-presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas por dois mandatos consecutivos, entre 1862-1863 e 1863-1864, tendo sido também o secretário pessoal remunerado de Allan Kardec. Ele se afastou da Sociedade Parisiense e se dedicou ao próprio jornal, intitulado *L'Avenir, Moniteur du Spiritisme*. Ele morreu por suicídio aos seus 50 anos incompletos.

Fonte: CSI do Espiritismo.

